

Daniel e seu diário

Antes de dar início à leitura, tenho que dizer que tive uma certa estranheza, na verdade um incômodo, em ter que compartilhar esse “diário”. Comecei a fazê-lo escrito à mão em simples folhas de rascunho que guardo no canto esquerdo da minha desorganizada escrivaninha. Vou então me apresentando... Me chamo Daniel Moraes e aqui vos conto um pouco da experiência que tive ao longo da disciplina obrigatória, pré-requisito, necessária e indispensável para o programa PAE.

Dia 03 de outubro: dia das estranhezas

Chego 10 minutos antes do início da aula e encontro algumas pessoas, todas caladas e aparentemente tímidas. Um professor sentado na ponta direita de costas para o quadro e olhando pacientemente a cada um que chegava. Fugindo aos costumes, naquele dia não houve apresentação formal entre cada um de nós.

Já de início nos foi dado o primeiro desafio: expressar artisticamente a universidade dos sonhos e a universidade atual, e escrever sobre a nossa experiência com a educação e ensino superior. Confesso que estranhei toda aquela dinâmica, sentar ao chão e começar a pintar o que penso! - Hum, será que vai ser sempre assim? Não sei. Só sei que me entreguei e foi relaxante! Fiz uma pintura maluca, afinal não nasci com o dom do Mauricio de Souza para desenhos e figuras. Mas admito que foi poético, desenhar uma professora com cabelo black, vestindo roupa colorida e lecionando à alunos de várias etnias, foi ousado, não, aquilo foi mais que isso, foi **PLURAL**. Naquele momento saquei a filosofia da aula e o encantamento daquilo tudo. O *start* foi dado.

Peço a desculpa e compreensão por não compartilhar aqui a minha biografia na educação e ensino superior que foi escrita nessa aula. Não que eu a ache pobre ou demérito falar sobre, pelo contrário, é tão rica e inspiradora que optei por guardá-la e ler nos momentos que me sinto só e acho que tudo está difícil.

Após essa atividade tivemos uma pausa para o almoço. Até aquele momento ainda continuava sem saber o nome dos meus colegas.

Voltamos às 14:00 horas. O professor Marcos Sorrentino então apresenta a proposta da disciplina, e nos orienta sobre a forma como seriam conduzidas as aulas, com a divisão em duplas responsáveis pelo lanche e resenhas das aulas anteriores.

Como nem tudo são flores, fizemos a leitura de dois textos, um escrito por Jacques Marcovitch e outro de Miguel Zabalza, a introdução do livro “O ensino Universitário”. Entenda que falo “nem tudo são flores” não é uma crítica aos textos, pois eles são muito interessantes, mas me refiro à maneira como foi conduzida a leitura, de forma conjunta, descompassada, sem ritmo e interrompida. O que, logo, não tão imprevisível, me fez perder o encanto.

Foram distribuídos capítulos de livros para uma leitura individual e discussão na aula seguinte. Eu escolhi “La formación ante los retos del siglo XXI” de Francisco Imbernón; “A interdisciplinaridade do conhecimento” de Jurjo Santomé; e “Formação pedagógica do docente do ensino superior e paradigmas curriculares” de Marcos Masetto. Todos muito interessantes, mas o que gostei mesmo foi o de Jurjo Santomé, a leveza com que traz as palavras transformam em diálogo os seus ensinamentos, fiquei fã do cara, já penso em até comprar o livro. Isso é gostar de verdade, pois em tempos de internet ter livros em mãos é admirável.

Ao final da aula, eis que o professor nos pede para que escrevêssemos sobre a nossa percepção sobre a aula respondendo a quatro tópicos: Eu felicito, Eu critico, Eu proponho e Eu pergunto.

Inusitado, nada mais a declarar!!!

Dia 10 de outubro: hora de se soltar

Logo pela manhã os colegas Gleice e Ricardo fazem uma resenha do que foi exposto na aula anterior. A crítica foi importante para o andamento da oficina e até que deu aquela quebrada de gelo. Afinal, vimos que estávamos todos do mesmo lado e que as dificuldades que alguns tinham eram mais comuns do que se poderia imaginar. Até então, já éramos amigos de longa data.

Fizemos vários grupos de discussão sobre os textos que tínhamos lido. A experiência foi muita enriquecedora, pois ali já começamos a ter percepção sobre o

comportamento de cada um dos colegas, saber quem fala de mais, quem fala de menos ou quem simplesmente não gosta de falar, mas sabe ouvir muito bem.

É certo que chegou um momento que as falas viraram uma ciranda, eu diria que quase uma oração da Ave Maria, simplesmente pela repetição. Caras cansadas e mentes dispersas. Ainda bem que a cada intervalo tínhamos um café maravilhoso, eu chamaria de café de vó.

Nessa aula fiquei muito fã do Zabalza. Me imaginei como seria diferente a minha educação e de muitos colegas se nossos professores tivessem lido os seus capítulos... Ah, um sonho ainda possível. De volta à realidade, eles não leram e cá estou com o desafio de ler e **TENTAR** fazer a diferença.

Foram dadas as instruções de como seria a aula da tarde. Onde deveríamos escolher entre duas atividades: ir ao debate na câmara de vereadores ou participar da Esalqshow. Eu optei pela segunda.

Ao fim da tarde nos reunimos no engenho central e fizemos algumas reflexões das atividades do dia e relatamos sobre os temas das propostas de trabalho a ser apresentado no último dia de aula. Ah! E tudo isso ocorreu de maneira quase que poética, às margens de um rio, sentado no capim e comendo vários lanches.

End of the day.

Dia 17 de outubro: dia de forçar os miolos

Esse dia foi destinado a simplesmente pensar nas propostas. Eu diria que a palavra “simplesmente” não estava tão próxima da sua semântica porque pensar é algo muito trabalhoso, exige esforço, dedicação, questionamento e desconstrução, principalmente quando se pensa sobre o que se pode tornar real, concreto e transformador. Louco isso né? Pois bem, assim eu me senti.

Li várias revisões sobre “produtos naturais e suas funções”, li ementas de disciplinas em vários programas de pós-graduação, eu comparei o que tinham aqui e faltava ali, conversei com colegas e amigos, me questionei, pensei, admirei, enfim, a mente deu uma leve pirada, mas no final do dia quando deitei e fechei os olhos, falei: isto dá trabalho, mas vale pena. Dormi.

Dia 24 de outubro: o dia que era pra ser zen

Como de praxe a dupla faz uma resenha da aula anterior, nesse caso foi um trio formado por Muriel, André e Natália. Após a reflexão da resenha, o trio realiza uma dinâmica, onde todos leem poemas uns aos outros sentados no chão com os olhos totalmente fechados. A desafio de se conectar consigo mesmo, manter o eu interior leve e relaxado, livre das perturbações do dia-a-dia foi ótima, mas na prática, em mim não surtiu o efeito esperado. Acredito que teria fazer isso ao menos 5 vezes na semana até sentir a vibe do “estou concentrado”.

Passado o momento *good vibes* o professor sugere a criação de grupos para discutirmos os capítulos do livro do nosso queridíssimo Zabalza e o texto sobre Ensinagem. Peço licença para exaltar Zabalza por alguns instantes. No capítulo 3 ele deixa claro o quão complexo é ser professor. Saber lidar com as suas emoções e anseios, de forma a não permitir que isso interfira no processo de aprendizagem em sala de aula é algo quase que heroico. Ele expõe dilemas comuns a vida de um docente: coordenação e ensino, como lidar; docência é profissão?; a prática leva a perfeição? O que é ensinar?.

Esses questionamentos e outros mais que estavam inseridos nos textos levou a criação de perguntas elaboradas pelos grupos. Perguntas que em sua simplicidade geram repostas cada vez mais complexas, não pela forma de respondê-las, mas pela forma de executá-la. Envolvem desde saúde mental a ementa de disciplina.

No período da tarde, a sala estava numa vibe bem diferente. Música instrumental, ambiente perfumado e flores sob uma mesa linda, farta e feliz. Tudo isso feito pela dupla Michele e Alessandra. Elas fizeram a resenha da aula da manhã e mais uma dinâmica que tinha tudo, eu digo **TUDO**, pra ser o dia mais zen da minha vida. Era meditação, saquinho com ervinhas de chá pra cá e pedrinha de cristal para lá. Seria muito good vibes se não fosse o calor que fazia naquele exato momento. Tanto eu como minha como colega Samira, que estávamos de mãos dadas na roda paz e amor da meditação, suávamos mais que cuscuz. Foi aí que o momento zen foi por água abaixo. Na verdade, meditação não é minha praia, meu

momento de concentração e relaxamento encontro quando estou fazendo meus exercícios físicos, principalmente nas aulas de hit, meu foco é mil.

E o momento mais maravilhoso da oficina foi quando foram formados grupos para representar em esquete teatral as perguntas criadas durante o período da manhã. Não há como descrever cada uma aqui, pois foi algo único, que meus olhos e alma apenas se preocupavam em se deleitar sobre aquele momento mágico que foi criado.

Tiveram muitas gargalhadas, de mim saíram várias. Tiveram aqueles risos frouxos, como forma de demonstrar que não estavam à vontade com a situação. Afinal, se expor ali para falar de algo que exige movimentação não só da boca, mas também de todo o corpo, é uma experiência que demanda entrega e libertação.

Peço licença para falar de uma personagem que gostei muito. A Maria interpretada pela Gleice. Era para ser só mais uma personagem se questionando e nos impondo a refletir, mas as suas risadas não ensaiadas roubaram a cena. Nos dobramos de rir. Ela sem querer criou um meme: - Que folha é essa? - É mamão....risos!

E para encerrar sobre esse dia não posso deixar de falar sobre a encenação que fiz figuração, porque as protagonistas foram elas: Samira e Muriel. De Muriel eu já esperava uma garota segura e falante como as suas facilitações gráficas. Já Samira, simplesmente me surpreendeu, isso porque apesar de ser participativa nas conversas dentro do grupo, durante as aulas tinha se mostrado muito tímida, o que não ocorreu durante a nossa encenação, pelo contrário, ela foi super espontânea. Gostei de ver. Junta com a Muriel tirou de letra o nosso miniespectáculo não ensaiado que retratava a vida de graduandos e pós-graduandos na universidade real e universidade dos sonhos.

Dia 31 de Outubro: parindo as propostas

Durante a manhã, Carol e Tatiana foram as responsáveis pela resenha da aula passada. Nos foram entregues dois presentes, o primeiro uma dinâmica de relaxamento proposta pela Carol usando o sino tibetano e falando a importância dos sons binaurais, e o segundo foi um vídeo que retratava a importância da persistência e do cuidar com aquilo que se propõe a fazer. Achei que desde o início de todas as

dinâmicas seria interessante ter limitado o tempo, pois a dessa aula durou uma hora e dez minutos.

Dando início às apresentações das propostas, Gleice, Ricardo, e Caio fazem uma encenação para falar da criação de uma disciplina de extensão. Uma disciplina que os fundamentos da pesquisa sejam utilizados para ideias de responsabilidade social das universidades e valorize a troca de experiências.

Não pude assistir a apresentação dos colegas Cátia, Lucas e Flávia, pois fui resolver a vida da minha tese. Enfim tudo deu certo, e terei coleta.

Voltando a Oficina. Durante a tarde eu e a Cris fizemos uma síntese da manhã e presenteamos a turma com um vídeo TED: “A morte é um dia que vale a pena viver”. Foi uma forma de mostrar o quão somos pequenos perto das coisas do mundo e como nos deixamos abater por coisas que são insignificantes, capazes de serem resolvidas e que não demandam nossa entrega como deveria. Foi uma maneira de dizer: - Se dedique; - **É AGORA** ; - Isso é importante. Momento pensar sobre nossas ações.

Ao final do vídeo ouvi um silêncio. Olhos cheios d’água e respiros demorados.

Cris iniciou as apresentações da tarde falando da sua proposta de criação de um curso de extensão de boas práticas de campo. Foi bem interessante, pois deixou evidente que ainda existe um despreparo dos estudantes durante as atividades de campo. E que esse despreparo é rotineiro, e até então não tinha-se dimensão alguma dos riscos de vida e consequências financeiras gerada pelas atividades incorretas.

Samira propôs a criação de uma disciplina de introdução ao ensino superior. A ideia é bem válida, pois busca que os alunos tenham conhecimento adequado de todas as possibilidades que a universidade pode lhe oferecer. E que não seja necessário esperar por muito tempo para decidir ou descobrir o que lhe é direito, como: assistência estudantil, informações sobre áreas de conhecimentos dentro do curso, bem como professores; e movimentos sociais dentro da universidade.

Muriel sugeriu um curso de facilitação gráfica. Foi feita uma experiência rápida de como aconteceriam as aulas durante o curso. Ficou evidente que saber desenhar não é um pré-requisito ou limitação para fazer parte do curso.

Por fim, Carol e Tatiana apresentaram a proposta “Solo Vivo e Conservação de Agroecossistemas, uma abordagem holística e multidisciplinar”. Acredito que por ser o último grupo do dia, somado a falta de tempo, talvez isso as tenha prejudicado.

, pois o tempo para críticas e sugestões foi reduzido. Não me ficou claro o objetivo da proposta, apenas que visava uma aproximação do conhecimento técnico com o agricultor.

Dia 07 de novembro: libertação ou saudades?

Enfim, é chegado o dia do nosso último encontro. Durante a manhã, Flávia e Samira apresentaram a resenha da aula anterior e em seguida nos deram dois presentes. Um texto lindo, do qual não recordo o nome e não tive a inteligência de perguntar a autoria. Já o outro, foi mais uma dinâmica, escolhida pela Flávia. No início pensei que seria uma aula de zumba à *la paz e amor*, mas na verdade era uma das etapas de um ciclo de meditações. Volto a dizer que momento zen assim não dá pra mim!

André e Natália iniciaram o início das últimas apresentações das propostas. O tema escolhido pela dupla foi “Formação de rede para promoção da alimentação escolar orgânica”. Achei a proposta bem interessante. Aproximar a sociedade da universidade é uma prática sempre válida e necessária ao seu funcionamento.

Em seguida, apresentei a minha proposta: “I workshop de recursos naturais e bioatividades”. Modéstia a parte, julgo a ideia bem intrigante. Permitir que num mesmo espaço, pessoas de diferentes áreas, desde ciências agrárias a ciências médicas possam dialogar sobre o uso de produtos naturais, tanto na alimentação, quanto em cosmético ou como fonte para fabricação de novos medicamentos é algo pouco comum de acontecer fora dos artigos científicos. A minha utopia foi focada na **interdisciplinaridade**. Apesar de parecer claro para mim, houve colegas que criticaram por julgar não ser utópico ou ter palestras (“ser mais do mesmo”). Acredito que por mais interessante que seja ter dinâmicas e modificar as maneiras de abordar determinados assuntos, ainda existem conteúdos que precisam ser abordados de maneira expositiva, onde cabe o ouvir, pensar e refletir. É claro que é sim possível ter todas as metodologias num mesmo espaço. E é o que aos poucos estou tentando fazendo. Isso demora? Sim, e muito. Mas, já é o começo.

Por fim, as apresentações foram finalizadas com a cuidadosa e caprichosa proposta de Michele e Alessandra. Apresentaram: “Curso temático de extensão -

Plantas fantásticas! Pelo jardim, na cozinha até a farmácia”. Achei incrível a ideia de atrair pessoas de cada bairro da cidade para conversarem e aprenderem um pouco mais sobre as potencialidades das plantas. Tenho que dizer que sempre pensei que a ESALQ por ser uma universidade de referência tivesse uma maior aproximação com a sua comunidade local, pude perceber nesse dia que não.

Eu diria que o ponto mais interessante de todo o dia se deu após assistir o documentário “Revoluções invisíveis”. Esse documentário retrata a realidade enfrentada por cidadãos na busca de uma sociedade mais justa, em que tentam barrar o desperdício de recursos em obras desnecessárias às suas comunidades.

Ao final do documentário pudemos perceber a visão que cada um tinha sobre o mundo, em ser pessimista ou otimista, ou até mesmo não ser otimista, mas simplesmente acreditar no equilíbrio. Algumas falas me surpreenderam... uma delas foi a de uma colega que usou a religiosidade para expor seu pensamento. Admito que falar de religião não é meu assunto favorito, assim como futebol. Logo, me abstenho nessa conversa.

Os debates foram bastante construtivos. Apreendi e refleti com tudo que aconteceu, principalmente depois das críticas e felicitações à Oficina. Vi que aquele espaço criado foi único e que raramente terei outra oportunidade igual a essa. Lógico, que como tudo na vida, houve os seus pontos altos e baixos, como a total liberdade que muitas vezes fez eu me perder e questionar sobre o que estava fazendo e se deveria fazer.

O querido Marcos, pela sua extensa experiência, acredito que conduziu brilhantemente a disciplina. Não senti com ele a mesma proximidade que tive com os meus colegas, talvez por ele ter falado pouco, ou não ter criado momentos de atenção durante suas falas com relatos de suas próprias experiências. Mas nada que tenha diminuído o encanto ou prazer de ter participado da Oficina.

Bem, e foi assim que se encerrou mais um ciclo de aprendizados. Parto agora para um novo começo com desafios cada vez maiores.

Nada mais a declarar!

THE END.

